## Assim desenvolveu-se o comércio do Estreito

José Messias Bastos

origem do comércio no Es treito está diretamente vin culada ao desenvolvimento da capital catarinense que durante os seus mais de dois séculos e meio de existência desempenhou a função de centro comercial portuário exportador desde o último quartel do século XVIII até 1850. A partir de então passa a agregar a função de praça importadora e por último restringi-se, dos anos 30 em diante, à de centro de atividade administrativa governamental.

Nas primeiras décadas desta última fase, "a cidade tende a ganhar um caráter bi-nuclear, com um novo centro no Estreito" (MAMIGONI-AN, In. Atlas de Santa Catarina. DEGC, 1958, p. 82), onde se desenvolve paralelamente a aceleração da decadência da colonização açoriana e o surgimento da pequena produção mercantil alemã da hinterlândia da capital catarinense - São Pedro de Alcântara (1829), Santa Isabel (1847) e de Teresópolis (1860) -, pois como assinalou PELUSO Jr. citando W. Dias, "a carga exportada, consistindo em farinha de mandioca, mel, cera, couro e madeira, provém, na sua quase totalidade do Continente, saindo por Florianópolis, visto ser a capital o ponto de mais fácil escoamento e o local onde se realizam as transações comerciais" (Estudos de geografia urbana em Santa Catarina. Ed. UFSC, 1991, p. 331).

A expansão das referidas colônias alemãs tanto no sentido do interior (Anitápolis, Ituporanga, etc.) como no sentido da capital

É importante lembrar que as

contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da ativi- principais casas de comércio da dade comercial no Ilha desapareceram nos anos 60 Estreito. Esta cons-

tatação pode ser verificada em se fazendo um breve exercício empírico sobre a gênese das principais iniciativas comerciais de origem local que estão operando hoje na região metropolitana de Florianópolis, como Koerich, Dimas, Imperatriz, etc. Logo chega-se à conclusão de que os estabelecimentos mais dinâmicos tiveram, via de regra, início muito modesto (pequenos negócios) e nasceram nas referidas áreas de colonização germânica, com algumas exceções, como por exemplo as Casas da Água e a Eletro Santa Rita.

É importante lembrar que as tradicionais casas comerciais da Ilha de Santa Catarina praticamente desapareceram nos anos 60, pois ficaram, até esta década, atreladas ao transporte marítimo de cabotagem. O exemplo mais didático dessa afirmação é o da Cia Hoepcke que, na virada do século XIX para o século XX, constituíase no maior e mais importante conglomerado empresarial do Estado de Santa Catarina. Tal grupo que controlava rede de armazéns filiais instalados nos principais centros urbanos da fachada atlântica e do planalto catarinense, detendo ampla hegemonia sobre a atividade comercial, realizou significativos investimentos na atividade industrial, tais como fábrica de pregos, gelo, barcos, renda e bordados, etc. Mas veio cerrar as portas do principal estabelecimento comercial nos anos 60.

O Estreito, como sub-centro comercial de Florianópolis a partir dos anos 50, especializou-se no comércio pesado (material de construção, material elétrico, móveis de escritório, concessionária de veículos, pneu, autopeças, hipermercados, eletrodomésticos, etc.), pois possuía pelo menos dois ingredientes básicos que o centro principal não tinha, como a existência de amplos espaços para o estabelecimento de loias de médio e grande porte (relevo com colinas suavemente inclinadas) e as principais vias de trans-

porte, ligando a região à economia nacional. Essas vias nasceram adaptadas ao transporte rodo-

viário (no centro tradicional o traçado urbano foi criado para tráfego de veículos de tração animal) o que facilitou sobremaneira o estabelecimento do tipo de comércio referi-

Cabe ressaltar que a aceleração do movimento de expansão da cidade de Florianópolis em direção ao Continente, promovida pelo agressivo processo de desenvolvimento industrial que viveu a sociedade brasileira e catarinense a partir da Revolução de 1930, ocor-



Casa André Maykot (década de 50) ampliada, vista da rua Fúlvio Aducci

A expansão da cidade de

concentração de classe média

do Estado

reu, principalmente, devido à construção da BR-101, da Ponte Colombo Sales e da eleição, por

parte do governo federal, desta cidade como sua Florianópolis resultou na maior capital estatal no Sul do Brasil. Isso resultou

não só na formação do maior aglomerado urbano de Santa Catarina (mais de 500 mil habitantes), mas também na maior concentração de classe média alta do Estado, que se amplia consideravelmente na temporada de verão com intenso fluxo de turistas.

A partir da década de 60, surgem novas iniciativas comerciais locais adaptadas à nova lógica social e territorial que emergia no Brasil desde os anos 30, resultantes das radicais transformações econômico-populacionais. Essas mudanças vão atingir Florianópolis de forma irreversível e passam a exigir da atividade comercial gerenciamento moderno e adaptado às condições determinadas pelos fornecedores industriais. Dentre as empresas que se destacam durante este período recente do desenvolvimento do comércio, estão as lojas Koerich - Kilar, nascidas a partir de um pequeno abatedouro na localidade de Santana no município de São José; os supermercados Imperatriz que se originou de um ai nazém em Santo Amaro da Imperatriz; André Maykot da localidade de Pinheiral

em Major Gercino; Dimas Veículos de Biguaçu; Eletro Santa Rita de Tijucas; Cassol e Casas d'Água de

Campinas - São José, etc. Esses novos empreendimentos florianopolitanos além de estabelecer suas respectivas redes de múltiplas fili-

ais, diversificam seus investimentos em vários ramos empresariais que foram surgindo na medida em que a cidade crescia. Dentre os setores que foram alvo de significativas inversões, sobressaem o imobiliário, hotel, construção civil, shoppings-centers, pré-moldados, entre outras atividades industriais e de serviços.

Assim, o desenvolvimento do comércio no Estreito deve ser compreendido no contexto da decadência do grande comércio tradicional ilhéu ligado à cabotagem, do dinamismo da pequena produção mercantil da área continental de alemães e dos impulsos exengendrados ternos desenvolvimento industrial que vivificaram a capital catarinense. Esses, entre outros, foram alguns dos fatores determinantes que possibilitaram o desenvolvimento do vigoroso comércio da parte continental da região metropolitana de Florianópolis.

José Messias Bastos é profes-or de Geografia Econômica na UFSC e doutorando de Geografia Humana na USP

EXPEDIENTE



Editor: Oscar de Paula • Fotografia: James Tavares, Frederico Carvalho e Aldo Machado • Editoração: Enfase comunicação • Impressão: Gráfica Agnus Colaboradores desta edição: José Messias Bastos, Rubens Onofre Nodari, Miguel Pedro Guerra, Romeu Martins e Frederico Carvalho. Editora Jornal do Continente • Rua Delamar José da Silva, 85 · Kobrasol • CEP 88102-100 • Fones: (0\*\*48) 259-7212 • Florianópolis (SC) e-mail: icontinente@bol.com.br